

OS TRABALHADORES EM FESTA. CULTURA E COTIDIANO EM CAMOCIM-CE. 1920-1970.¹

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Prof. Dr.da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.
augustus474@hotmail.com.

RESUMO:

Tomando como pressuposto de que os trabalhadores também são produtores de cultura, o artigo se propõe a discutir vários aspectos dessa cultura operária na cidade de Camocim-CE. Neste sentido, procura-se mostrar essa produção cultural como elemento formador de identidade destes trabalhadores acontecendo cotidianamente nos espaços do trabalho e do lazer.

Palavras-chave: Trabalho. Cultura. Identidade.

INTRODUÇÃO.

Entendido como o conjunto de todas as realizações humanas nos aspectos materiais e espirituais de um povo, o termo cultura em seu sentido mais simples, adquire mais complexidade quando se discutem os produtores, os locais e as condições de sua produção. É nesta perspectiva que tomamos como pressupostos a contribuição de Franz Boas que criticou fortemente a visão evolucionista da cultura, defendendo a historicidade da cultura em sua complexidade e diversidade.

Desta forma, este trabalho busca relacionar um conjunto de práticas e manifestações próprias dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE, que apontam para essa produção cultural, bafejados pela conjuntura do mundo do trabalho no porto e na ferrovia, proporcionando uma intensa troca de experiências nas atividades do labor e do lazer.

A atividade porto-ferroviária na cidade de Camocim durante o período pesquisado acabou por desencadear um movimento de organização das categorias profissionais. Em trabalho anterior já enfocamos a presença da militância comunista nestes espaços organizativos da cidade, que, sem dúvida, irá contribuir com uma tradição de lutas que traz em seu bojo uma tentativa de se construir uma cultura operária, embora, como seria de esperar, com fortes doses de ideologização.

¹ Com algumas modificações, este artigo é parte do tópico desenvolvido no capítulo IV da Tese de Doutorado do autor defendida em março de 2008 na Universidade Federal de Pernambuco –UFPE, intitulada: “Entre o Porto e a Estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE.1920-1970”.

Por outro lado, essa produção cultural não irá acontecer somente sob esse aparato ideológico ou nos espaços dos sindicatos, ou mesmo em datas comemorativas e simbólicas. Os trabalhadores em alguns momentos tomam de conta da cidade, seja nos folguedos característicos de profissões como a marujada ou a dança do coco, como nas festas populares como o carnaval ou mesmo os desfiles do Primeiro de Maio. Contudo, procurou-se esmiuçar as mais diversas manifestações destes trabalhadores, seja indo à festa ou fazendo-a.

DESENVOLVIMENTO.

O Primeiro de Maio de 1946 foi especial, visto a experimentação de legalidade do Partido Comunista. O jornal “O Democrata”, órgão de orientação comunista no Estado do Ceará, passa a circular procurando recuperar um imaginário da militância comunista, noticiando fatos ocorridos durante o período de repressão, notadamente os acontecimentos de 1935-36. A cidade de Camocim é lembrada com especial atenção pelo jornal, face ao desdobramento destes eventos que culminou com a morte de dois militantes comunistas mortos nos arredores da cidade, que vinham fugindo da polícia desde o Estado do Rio Grande do Norte, fato este que ficou conhecido como *O Massacre do Salgadinho*.² A reportagem especial do jornal, recuperando esta tradição de lutas, elegendo heróis e associando a eles a conquista desse novo tempo, faz deste Primeiro de Maio uma peça histórica em que os comunistas se reconhecem nela, além de saudar a cidade como um lugar onde prospera este novo tempo.

Como se sabe, tradicionalmente, o Primeiro de Maio está intimamente ligado com a história do movimento operário pela conquista do limite de oito horas de trabalho diário, regulamentação do trabalho feminino e de menores, luta por melhores condições de trabalho nas fábricas, dentre outras. A data, por exemplo, é uma alusão a um dos eventos que simbolizou essa luta, o *Massacre de Chicago*, ocorrido em 1886, onde vários operários foram mortos pela polícia numa manifestação pelo limite de oito horas de trabalho.³ Camocim, embora não tivesse estado no plano das lutas operárias por melhores condições de trabalho, também teria seu massacre: *O Massacre do*

² Sobre o Massacre do Salgadinho, ver SANTOS, Carlos Augusto P. dos. *Cidade Vermelha. A militância comunista nos espaços do trabalho. Camocim-CE. 1927-1950.* Fortaleza: UFC, 2007.

³ A palavra de ordem do movimento era: “A partir de hoje, nenhum operário deve trabalhar mais de oito horas por dia. Oito horas de trabalho! Oito horas de repouso! Oito horas de educação!” In: DEL ROIO, José Luiz. *1o. de Maio – Cem anos de luta. 1886-1986.* São Paulo: Global Editora, 1986.p. 57.

Salgadinho, que contribuiu para este imaginário. Desta forma, as comemorações do Primeiro de Maio, nos momentos de alguma liberdade política, parecem tomar, além da lembrança do caráter combativo do movimento operário, um lado festivo, o que não quer dizer que, ao assumir esse caráter festivo, esteja desprovido de um conteúdo de combate, de protesto, de conflito.

Contudo, hoje, as comemorações do Primeiro de Maio se ressentem da falta desse aspecto combativo e festivo de outrora. Quando a data recai em algum momento político importante, nacional ou local, as entidades tentam ainda realizar algum desfile. O desfile representa, hoje, não a festa ou a reivindicação do trabalhador, mas o desfilar burocrático das realizações de cada secretaria do governo municipal e das várias escolas “homenageando” um trabalhador sem rosto e sem nome. Outras vezes, organiza-se uma prestação de serviços básicos (medição da pressão arterial, expedição de carteira de identidade, corte de cabelo etc.) numa praça principal e uma disputa de algumas modalidades esportivas. Os sindicatos e associações fazem um caminho inverso, realizando alguma atividade alusiva à data em recinto fechado. Uma alvorada aqui, uma palestra ali, e o Primeiro de Maio vai perdendo seu conteúdo simbólico, sendo um mero feriado.

A música, como se viu é um componente da celebração, da comemoração. Segundo Francisco Foot Hardman, entre “as sonoridades que se afirmam no espaço urbano, a banda ocupa lugar privilegiado”. Neste sentido, os trabalhadores camocinenses, embora que no Primeiro de Maio acima referido não tivessem tido a permissão de ter a banda municipal animando o desfile, tempos depois organizaram uma banda peculiar – a Banda dos Sapateiros. Segundo ainda o autor citado, a relação da música com o movimento operário é difundido por todo lado, “não só os grandes centros industriais registram essa confluência, mas igualmente as pequenas cidades do interior, as capitais de regiões menores”.⁴ Embora não tenhamos uma comprovação da atuação dessa banda nos movimentos políticos dos trabalhadores urbanos de Camocim, sua existência é recuperada pelo cronista camocinense Inácio Santos:

Tenho cá eu na memória, saudade especial da banda que durante uma época, até por ser única, animava os festejos da terrinha, principalmente a festa do Padroeiro (...) autodenominei

⁴FOOT HARDMAN, Francisco. *Nem pátria, nem patrão! memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª ed. ver. e ampl. São Paulo: Editora da UNESP, 2002. p. 367-8.

‘bandinha dos sapateiros’, visto que todos, ou pelo menos 90% dos participantes, eram sapateiros de profissão ou já haviam militado nesta arte. (...) Requisitada esporadicamente sempre que havia necessidade, esses artistas reuniam-se e estavam prontos pro que desse e viesse, não havia tempo para ensaios. (...) Outro pormenor interessante é que na bandinha não existia a figura do maestro, todos eram autodidatas da música. Bastavam reunirem-se, trocarem algumas informações e pronto! Estavam afinados.⁵

A Banda dos Sapateiros de Camocim, pelo seu caráter peculiar, informal, parece estar ligada mais ao lazer operário, no caso dos sapateiros, tornando-se um importante elo na vida social do município, do que propriamente atrelada a uma entidade profissional ou, até mesmo inerente à formação da classe. Numa rápida conversa com o Sr. Raimundo Aristides, um dos remanescentes desta banda, descobrimos que os instrumentos eram de propriedade da prefeitura local, mas, os músicos não tinham vínculo com a municipalidade, recebendo apenas gorjetas dos organizadores dos eventos em que tocavam ou em troca de uma boa pinga, como no aniversário do Sindicato dos Portuários.

Contudo, não se pode descartar sua participação nas manifestações dos trabalhadores, visto que, como ressalta o cronista, ela era única na cidade, no período em que lembra. O próprio ex-trombonista, Sr. Raimundo Aristides confirma a participação da banda nos festejos do Primeiro de Maio e nas alvoradas dos aniversários das entidades sindicais, principalmente no dia seis de janeiro, dia dedicado aos portuários. Foot Hardman recolhe fragmentos da presença destas bandas como na celebração do Primeiro de Maio de 1906 em Teresina, onde três bandas “acompanharam o préstito”, assim como em 1919, no Ceará, as correntes social-democratas “patrocinam uma comemoração da Tomada da Bastilha (...) onde centenas de operários chegam ao Palácio do Governo, ao som da banda de música do Batalhão Militar”.⁶

Ainda quanto às comemorações, era de praxe serem realizadas as festas de aniversário das respectivas entidades, quase sempre na própria sede dos sindicatos. Para os estivadores, a data magna era o 3 de agosto. Na documentação pesquisada, há uma preparação e uma discussão sobre a viabilidade dessas festas, mesmo porque, as

⁵A composição da banda, segundo o cronista era: “No pistom, Truaca, no trombone de pista, Raimundo Aristides, no trombone de varas, Benone, na tuba ou contra-baixo, Sr. Tasso, na trompa, Zé Ribeiro, no sax, Antonio Basílio, no clarinete, João Brito, nos instrumentos de percussão: bumbo acoplado com pratos, o Cabeça, no tarol, Fransquinho Basílio”. SANTOS, Inácio. “A Banda dos Sapateiros”. *O Literário*, Ano III, Edição 19, setembro de 2001, p. 3, Camocim-CE.

condições financeiras eram sempre colocadas como obstáculos a uma festa digna para os sócios, contudo, sempre se organizava alguma programação. No mês de agosto de 1970, por exemplo, ficou acertado que haveria o seguinte: “5.00 horas da manhã - Alvorada com foguetes; 7.00 horas missa interna na sede; 9.00h uma sessão solene para todos os associados e suas famílias; 11.00 horas uma caranguejada com aperitivos mesmo na sede.”⁷

Este tipo de programação com alvorada, missa e sessão solene era um modelo mais ou menos consagrado nas ocasiões de festejos de aniversários das entidades sindicais. Nas comemorações do 18º aniversário da Sociedade Beneficente Ferroviária em 1950, constou da indefectível alvorada às cinco horas da manhã e do convite para as demais entidades fazerem parte da sessão solene. Agregando algo mais ao caráter solene, alguém lembrou de um dos fundadores da SBF e pediu que se fizesse a “limpeza no túmulo do Sr. Oijama Brígido Bastos, o que ficou acertado ser feito com dinheiro angariado no pessoal das oficinas”.⁸

O que mudava, no entanto, era a parte diversional, às vezes se realizando festas dançantes, jogos de futebol, passeios ou, como neste caso, uma caranguejada. No ano seguinte, no mesmo SEPC, após explicar as condições financeiras do sindicato, que não podia fazer grandes despesas, o presidente colocou em votação a programação, ficando resolvido se fazer uma “alvorada com foguetes, uma missa e depois um café, estas comemorações pela manhã”. Mais uma vez a festa dançante foi preterida.⁹ Os sindicatos também eram chamados a participarem das celebrações oficiais, principalmente as solenidades da Semana da Pátria. Além da leitura dos discursos oficiais dos presidentes do período militar nas sessões alusivas à data de nossa independência, havia o reforço, o chamamento e a lembrança do presidente dos sindicatos aos associados em participarem ativamente das atividades cívico-patrióticas. Para ilustrar, a Semana da Pátria de 1978, organizada pelo município, previa a presença em dias alternados dos estivadores, salineiros, portuários e operários da construção civil, que deveriam ser os responsáveis pelo hasteamento e arreamento do pavilhão nacional. Além disso, era comum a demonstração da força e perícia dos trabalhadores em competições como o Cabo de Guerra.¹⁰

⁶ FOOT HARDMAN, Francisco. *Op. cit.*, p. 368.

⁷ SEPC/AAGE, de 19 de junho de 1970, Livro 2. Camocim-CE.

⁸ SBF/ASO, de 30 de junho de 1950. Camocim-CE.

⁹ SEPC/AAGE, de 11 de julho de 1971, Livro 2. Camocim-CE.

¹⁰ SEPC/AAGE, Livro 2 - 28 de agosto de 1978. Camocim-CE. A programação da Semana da Pátria de setembro de 1978, constava do seguinte: Dia 01 – Presença no hasteamento e arreamento do pavilhão nacional. Dia 02 – Sindicato dos Portuários. Dia 03 – Sindicato dos Estivadores, com a palavra de um

Talvez a pouca inovação nas programações destes eventos tenha levado o estivador Aníbal Rosendo de Oliveira a reclamar da diretoria do SEPC no ano de 1977. Contudo, o presidente Francisco das Chagas de Carvalho não gostou da forma desrespeitosa com que o sócio reclamara, narrando os acontecimentos em ofício ao Capitão dos Portos:

... quero fazer saber a V. Sa. que na véspera das comemorações do dia 1º de Maio, fui abordado pelo sócio deste Sindicato Sr, Aníbal Rosendo de Oliveira que (...) procurou ridicularizar o que estava programado por motivo de querer menosprezar os meus feitos dentro dos atos Cívico-Religiosos que estavam programados conforme a vós foi enviado. Tudo começou por motivo do Sr. Aníbal querer em lugar da celebração da Santa Missa, fazer um baile, pois que me permita a V.Sa., o mesmo disse em minha cara que ‘Porra de Missa’ não adiantava nada para ninguém, agora se fizesse uma festa aí estava certo...¹¹

Festeiro contumaz, Aníbal tinha fama de ter acabado várias festas no sindicato “com desordens e arruaças”. Segundo o presidente do SEPC na sua exposição ao Capitão dos Portos, este era o motivo de não realizar mais festas dançantes nessas ocasiões. Além de desrespeitar o clero, “algo de muito importante para nossa **instituição nacional**”.¹² O presidente aponta ainda uma argumentação “social” para não realizar a festa – é que Aníbal ameaçava entrar no recinto da provável festa com uma mulher que não era sua legítima esposa, o que poderia gerar constrangimento às mulheres dos outros associados, uma vez que alguns associados manifestaram o desejo de levar suas esposas.

Para evitar tal constrangimento, o presidente decidira não fazer a festa. Mas este motivo aumentou a tensão entre ele e Aníbal ao ponto de quase chegarem às vias de fato. Para Aníbal, o fato de preferir festa à missa e estar “amigado” com uma mulher não eram fatos desabonadores de sua conduta. Porém, como assinala o presidente, por estas e outras coisas, o sócio em questão “desacata as diretorias do Sindicato, pois todas que entram, há descontentamento com ele” e, em vista disso, solicita à autoridade segurança “porque está correndo perigo de ser pegue por este a qualquer hora onde nos

estivador. Dia 04 – Sindicato dos Salineiros. Dia 06 – Sindicato da Construção Civil de Camocim. SEPC/Correspondência recebidas. 1978. Camocim-CE.

¹¹SEPC/Correspondências Enviadas. Ofício Nº 14/77. 1977. Camocim-CE.

¹² Idem. Grifo nosso. Acredito que o presidente do SEPC ao escrever “instituição nacional”, esteja se referindo tanto à categoria dos estivadores, quanto à idéia da instituição de uma nação pós golpe de 1964, com o apoio explícito da Igreja.

encontrarmos porque foram as últimas palavras que ele falou quando retirou-se da minha presença”.¹³

Indisciplina, moralismo, autoritarismo e outros “ismos”, como se vê, não apareciam somente nas relações mais afeitas ao mundo do trabalho, mas, também, estavam presentes nas questões relacionadas ao lazer, às comemorações, enfim, ao universo dito cultural destes trabalhadores. Universo este formado pelas manifestações puramente locais, mas, com motivações e apropriações globais, obedecendo ao movimento da circularidade da cultura. Decidir emoldurar a sala de reuniões da SBF com o quadro “Os Oito Mártires de Chicago”, mandar um telegrama pelo aniversário de Prestes, criar uma dança do coco, uma marujada, comemorar a data de fundação do sindicato com uma caranguejada são exemplos pontuais desse movimento.

Um exemplo de como os trabalhadores são capazes de realizar seu próprio lazer, mediado pelas apropriações que fazem do que vêm em outros lugares ou do que chega até eles, é a *Nau Catarineta de Camocim*, registrada em obra sobre o folclore brasileiro. Com uma miniatura de barca, os trabalhadores deixam as sedes e ganham as ruas representando seu cotidiano repleto das experiências e das relações vividas no interior dos navios. A festa da Nau Catarineta, portanto, expressa uma tradição que se transforma em cada porto, a ponto de existirem várias versões do folguedo por todo o país. É, portanto, no cotidiano do navio que essas manifestações nascem, posto que, como disse um estudioso, “é evidente que ele se tornou um local de encontros, onde se apinhavam várias tradições, numa estufa de internacionalismo de extraordinário vigor”.¹⁴ Camocim teve a sua versão de Nau Catarineta. Segundo algumas informações, o folguedo era uma espécie de auto representado por personagens inspirados na tripulação de um navio, com cerca de trinta ou quarenta pessoas uniformizada a caráter dançando ao som de música e versos ritmados, preservados na quadrinha em epígrafe no início deste tópico, e nas fugidias lembranças de velhos marinheiros. O Sr. Euclides foi testemunha das apresentações do folguedo:

No Parazinho, por exemplo, nos dias de festa, Dia de São Pedro, eles levavam a Barca de São Pedro e quem conduzia (...) era o Cacau, o Cacau se fardava todo de branco, o meu irmão Valdemar e o mestre do rebocador eram os homens que

¹³ Id. ibidem.

¹⁴ LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeceram. In: *Revista Brasileira de História*, Nº6. São Paulo: Marco Zero, 1984, p.35.

conduziam a barca de São Pedro. Esta barca eu acho que não existe mais...¹⁵

No final dos anos 1940, o estivador Sebastião Marques organizava este folguedo e animava vários pontos da cidade. Infelizmente, não restou muito dessa festa, a não ser o registro na obra já referida e algumas poucas lembranças de depoentes que não ajudaram muito a reconstituir o sentido e a beleza da mesma. Talvez contemporaneamente, o fato de se levar ainda a imagem de São Pedro dentro de uma miniatura de canoa compondo o andor na procissão marítima seja uma reminiscência da Nau Catarineta de antigamente.

A procissão de São Pedro, atualmente, ainda motiva a participação dos pescadores. Capitaneando suas embarcações, desde as simples canoas, como barcos de pesca de vários tamanhos e balsas, eles vão ao encontro do barco no cais do porto onde está a imagem do santo, demonstrando uma ruidosa alegria, que destoa de uma característica silenciosa e circunspecta da procissão católica. Observador dessa festa religiosa, o escritor camocinense Carlos Cardeal apresentou em seu romance, “Terra e Mar”, sua ligação com a gente simples da beira da praia. Não somente os dramas pessoais são evidenciados, mas o autor se debruça em descrever as festas tradicionais da cidade, revelando uma preocupação com as manifestações culturais locais.

Tomando como base a festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores, o escritor mais uma vez, demonstra sua opção por retratar o cotidiano desse segmento da população. As festas do padroeiro não possuem a pompa e a riqueza de outros tempos, o novenário não é tão concorrido como outrora, contudo, a comemoração permanece e o retrato pintado por Cardeal no romance ainda guarda muito em semelhança com a festa realizada atualmente:

A procissão de São Pedro começa por terra e termina por terra, mas a grande parte do seu percurso é feito por água. No Rio da Cruz, os mais diversos tipos de embarcações cruzam-se cortando as águas. Enfeitadas com flores silvestres, papel colorido e folhas de coqueiros, elas mais parecem jarros gigantes boiando sobre as águas. Duas da tarde, sob o sol ardente o cortejo sai da igreja de São Pedro. Grande fila de carros segue o andor instalado provisoriamente sobre a capota de um deles. (...) Após a rápida

¹⁵Parazinho é um distrito da vizinha cidade de Granja, distante cerca de 40Km de Camocim, onde se celebra na primeira semana de julho a festa de Nossa Senhora do Livramento, uma das cinco maiores festas religiosas do Ceará. Entrevista com o Sr. Euclides Negreiros realizada em 25/04/2007. Camocim-CE.

passagem do cortejo, a multidão segue para a praia dos Coqueiros. Lá, grande é a concorrência dos mais afoitos por um lugar nas embarcações.¹⁶

Quem não consegue um lugar nos barcos ou prefere caminhar segue a procissão por terra junto à balaustrada, acompanhando o santo acomodado em uma das embarcações. Ressalve-se a grande quantidade de fogos de artifícios explodida durante o cortejo. Terminado o percurso marítimo, a imagem do padroeiro segue para um palanque armado defronte a Colônia dos Pescadores onde é rezada a missa final. O dia 29 de junho é feriado municipal, independente do dia da semana em que venha recair. Ainda no aspecto religioso, interessante notar que os camocinenses praticamente elegem três padroeiros: o oficial, Bom Jesus dos Navegantes, que batiza a Igreja Matriz, festa realizada entre 16 a 26 de novembro, que perde em concorrência e arrecadação dos fiéis para a Festa de São Francisco, no mês de outubro, além, da Festa de São Pedro que, apesar de ter perdido muito do brilho das quermesses, do partido azul e vermelho e leilões, ainda fascina, como já dissemos, pelo cortejo marítimo.

Afora essas festas que aliam o caráter religioso ao profano e que têm sua realização nos espaços públicos das igrejas, das ruas e do mar, percebe-se, na documentação, que as agremiações sindicais se esforçavam para propiciar o mínimo de lazer para seu corpo associado. Forrós, tertúlias e outras formas de diversão faziam parte das opções que as diretorias dos sindicatos tentavam oferecer aos seus sócios. Pensando nisso, em plena crise dos trabalhos de estiva, o presidente do SEPC, Veridiano Rosendo da Cruz, fez “uma narração eloqüente na esperança de ser compreendido por todos os sócios presentes e para compra de uma radiola altafidelidade para diversão dos sócios e suas famílias”.¹⁷ Como já deu para perceber, tudo nesse sindicato era motivo de intensa discussão. O dinheiro para a compra do objeto em questão viria, segundo o presidente, do montante relativo às férias do período de dezembro de 1969 a maio de 1970.

Contra essa proposição, alguns sócios se manifestaram contrariamente, afirmando que o sindicato tinha outras prioridades como a compra de outros móveis, como telefone, mesa, toalha, estantes, bandeiras, cadeiras, birôs etc. O secretário lembrou ainda que desvios de finalidade de dinheiro colocara o presidente do Sindicato de Manaus em dificuldades, a ponto de estar respondendo a inquérito. O Presidente não

¹⁶ ARAÚJO, Carlos Cardeal de. *O Terra e Mar*. Fortaleza-CE: Fundação Dolores Lustosa, 1988, p.93.

desistiu do seu intento. Não podendo utilizar o dinheiro das férias dos sócios, abriu lista para quem quisesse “doar as suas férias para a compra da radiola”. As atas seguintes não dão notícias da compra da radiola especificando valores e marcas. Contudo, a compra foi efetivada. Vasculhando vários documentos fora das poucas pastas organizadas do modesto arquivo do SEPC, encontrei dois que podem confirmar essa compra. O primeiro trata de um regulamento do uso da radiola pelos sócios, o outro, traz uma relação dos poucos discos disponíveis na discoteca do sindicato. O gosto musical dos estivadores parecia ser eclético. Em apenas quatro discos, várias amostras do nosso cancionário popular:

SINDICATO DOS ESTIVADORES DO PORTO DE CAMOCIM

Relação dos discos da discoteca do Sindicato.

- 1- LP Nº 5287, de NELSON GONÇALVES, (RCA)
 - 2- LP Nº 112278, Vol. VII, Os MELHORES DO SAMBA (OKEH)
 - 3- LP Nº 137746, JERRY ADRIANI, (CBS) (Pensa em mim).
 - 4- LP Nº EQC – 882/A (THE POP’S) (Rio Amigo).
- Camocim, 23 de Junho de 1972.
VRC.¹⁸

A simples regulamentação do uso da radiola informa muito mais do que normas a obedecer. Percebe-se que o presidente do SEPC aproveita a oportunidade para incutir nos associados as regras da manutenção da boa ordem do recinto sindical. Através do uso do objeto de consumo tão desejado na época, o presidente pretende controlar a ingestão de bebidas dos sócios, direciona o divertimento para o âmbito das relações familiares, de parentesco e amizade e do orgulho cívico, procurando resguardar a privacidade e um sentimento de pertencimento da categoria. A festa é feita pelos estivadores e para os estivadores. A citação completa do regulamento esclarece melhor:

REGULAMENTO A SER OBEDECIDO POR OCASIÃO DO USODA RADIOLA

- 1º - A radiola não será emprestada a particulares de vez que é patrimônio do sindicato.
- 2º - O associado poderá usar a radiola como empréstimo para caso de: aniversário ou casamento, seu ou de filhos, na sede do sindicato.

¹⁷ SEPC/AAGE, de 9 de junho de 1970. Livro 2. Camocim-CE.

¹⁸ SEPC/Documentos Avulsos. 23 de junho de 1972. Camocim-CE. A sigla VRC são as iniciais do presidente Veridiano Rosendo da Cruz.

3º - Nas oportunidades dançantes, tem franco direito de participar o associado com sua esposa, filhos, irmãos e cunhados.

4º - Nas oportunidades dançantes o associado terá direito a admitir dois amigos de inteira confiança.

5º - Não será permitido nos momentos dançantes, nenhum associado, especialmente particulares dançarem vizivelmente alcoolizados.

6º - Nenhum particular poderá ingressar na sede do sindicato, nas oportunidades dançantes, sem ser previamente convidado por associados da entidade, com exceção das autoridades.

7º - É exclusivamente proibido a venda no sindicato, de aguardente, conhaque, etc.

8º - A radiola será usada nas oportunidades das datas cívicas, e de aniversário do sindicato, nos momentos de reuniões e quando se fizer necessário.

Contando com a boa compreensão de todos os associados desta entidade pela manutenção da ordem, do respeito, em prol das nossas tranqüilidades nos nossos momentos recreativos.

Agradece. A Diretoria. Em 05/07/72. VRC.¹⁹

Os espaços das sedes para a realização do divertimento e do lazer estavam mais sujeitos às restrições administrativas, estatutárias e morais, como foi mostrado nos conflitos descritos acima. Porém, o mesmo não se pode dizer das zonas próximas ao porto e da periferia da cidade. Como os clubes mais elegantes da cidade não permitiam o ingresso de trabalhadores e moças que não fossem de família, prostitutas ou não, a maioria deles e delas ficavam apreciando o divertimento dos ricos no “sereno da festa”. Contudo, os pobres também eram capazes de se organizar e fundar seus espaços de lazer. Sem querer fazer uma diferenciação extremada entre pobres e ricos neste quesito, pois, sempre havia aqueles que “furavam” estes bloqueios de parte a parte, foram criados clubes populares como o Grêmio São João e o Clube das Morenas, onde os trabalhadores e os filhos destes poderiam se divertir com “pessoas do seu nível social”. As casas de alguns cidadãos, ou o terreiro destas, também serviam como espaço para as festas mais populares, porém, com regras bem claras de respeito e com a secular proibição das prostitutas.

Os vários “maxixes” da área portuária, portanto, era o que restava para as prostitutas. Embora tivessem também seus códigos próprios de convivência, eram mais abertos aos desejos e prazeres dos trabalhadores. Os “maxixes” eram casas que

¹⁹ SEPC/Documentos Avulsos. 05 de julho de 1972. Camocim-CE.

combinavam a mistura de música, dança e o comércio do corpo. Músicos amadores mostravam suas habilidades, as prostitutas-bailarinas seus corpos e os homens seus corpos amarelados em terra e no mar. Para além de uma mera relação comercial existente nesses espaços, de quem vende ou compra ilusões e desejos numa noite tépida, a zona do meretrício era também o laboratório de outras relações, sociais e culturais. Penso na arquitetura e nos cenários desses espaços, dos artistas e decoradores desses ambientes, irrecuperáveis para o historiador contemporâneo, a não ser pelos trabalhos da memória dos depoentes e da escrita dos cronistas. Rastros dessa pequenina Babilônia.

Presentes na literatura local, a descrição destes espaços revela a atmosfera de uma cidade onde as pessoas se misturam em toda sua diversidade. Viajantes, nativos, marinheiros de além mar, rendem-se ao que é propiciado para desafogar seus corpos e mentes, assim como imprimem suas marcas, muitas vezes destruindo estereótipos. A proverbial rudeza do homem do mar, da valentia dos portuários não se aplicava a uma espécie de dândis tupiniquins que, longe de serem almofadinhas, eram tipos que destoavam do conjunto dos trabalhadores da beira do cais. Francisco das Chagas Morais faz questão de ressaltar essa diferença, fazendo do seu modo de vestir um aspecto distintivo de sua condição de portuário que trafega por outros portos, sem demonstrar empáfia, contudo:

Eu passava muito importante, muito pronto, sapato bom, roupa boa, relógio de pulso, cordão bom, chapéu. Passava todo importante, e os portuários ali não eram assim, eles não tinham as oportunidades e as condições que eu tinha. “E ele o que é? É Presidente do Sindicato? É tesoureiro? O que ele é no Sindicato? É portuário, ele é da ativa. Como ele anda todo diferente de vocês aqui?” Aí eles diziam: “não é porque ele trabalha mais é fora... O Seu Chico Morais anda bem parecido e vocês maltratados”.²⁰

Na reprodução do diálogo que Seu Morais recupera, notam-se vários aspectos, além da sua maneira diferente de se vestir. A surpresa dos comerciantes em perguntar quem era aquele sujeito que se destacava dentre os demais é um deles. A condição econômica de quem sai para trabalhar em outros portos também é evidente, além do fato subjetivo de que se vestir bem pode independer da profissão e da condição financeira. É

²⁰ Francisco das Chagas Morais, ex-portuário, 91 anos. Entrevista realizada em 20/11/2004. (falecido em 2005). Camocim-CE.

o caso do estivador Magalhães Nogueira Neto, que nunca saiu de Camocim e se destacou como um verdadeiro *gentleman* no trato com as prostitutas, principalmente àquelas que lhe devotavam favores sexuais, dedicando-lhes músicas e poesias, enfim, o poeta-estivador no dizer do escritor local R. B. Sotero. Em recente crônica, outro escritor, Avelar Santos alcunha Magalhães Nogueira Neto de “O Inimitável” e traça-lhe um perfil: “Profissão: Chapeado da RVC. Local de trabalho: Estação ferroviária. Lazer: cachaça, mulher e música”. Inimitável pela maneira impecável de se vestir, inimitável pelo trato com as pessoas: “Emérito boêmio e boa praça, mesmo semi-analfabeto, conversava animadamente com quantos lhes cruzavam o caminho”. Portanto, Magalhães Nogueira Neto, mesmo radicado em Camocim, procurava se destacar entre os demais, realizando seus carretos diariamente e fazendo uma freguesia fiel. À noite, exercia com maestria uma espécie de personagem pelas praças e bares da cidade, distribuindo simpatia às “damas da periferia”. Descreve Avelar Santos:

Quanto mais ele emborcava uns bons tragos de POJ – famosa cachaça de antanho – mais ele se derretia em gentilezas com as ‘moiçolas’, singelas e pueris mariposas noturnas, ofertando-lhes, cavalheirescamente, ‘páginas musicais’ românticas inigualáveis, daquelas arranca-coração, que o **GB**, naquela voz empastada de locutor de FM, ‘lançava para o ar’ nas possantes bocarras da ‘radiadora’ da Voz de Camocim.²¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seu Moraes e Magalhães Nogueira Neto com certeza desfilaram seus charmes pessoais pelos territórios da folgança, dominando pelo cabaré “Terra e Mar”, já referido neste trabalho, farol certo dos homens em busca de uma boa farra. Dentro daquela máxima da “terra do já teve”, cabe assinalar que outras manifestações culturais foram extintas e algumas sofrem processo de extinção. A Nau Catarineta de Camocim, Os Marujos ou Marujada organizada principalmente por trabalhadores do porto não foi preservada pelas novas gerações. Da mesma forma o Coco de Praia de Camocim, cantado e dançado principalmente por pegadores de caranguejo, salineiros e estivadores. Não mais é executado e a tradição oral dessa festa parece ter se perdido. Na época em que o SESI – Serviço Social da Indústria atuava em Camocim mais fortemente, nas

²¹SANTOS, Avelar. *O Literário*, Ano VII, edição 08, julho de 2006, p.8. “GB” são as iniciais do locutor Gerardo Brito que fez sucesso nos vários serviços de som existentes na cidade. Grifo nosso.

décadas de 1970 e 1980, o grupo folclórico do coco recebia atenção e se apresentava em suas dependências e outros locais públicos. A Sra. Margarida Vieira, ex-agente do SESI em Camocim ainda relembra sobre o grupo:

“Foi em 1986 que o SESI com o propósito de resgatar a cultura em Camocim criar um grupo de homens (...) para formar a ‘Dança do Coco’. O grupo era composto de 16 homens, pois teríamos 2 para tocar os caixões e 2 para os ganzás e o restante na roda. Os emboladores também tocavam os ganzás. A vestimenta era de algodãozinho tingido da casca do manguê ou do cajueiro para ficar uma cor marrom. Utilizavam também chapéu de palha e dançavam descalços”.²²

Podemos perceber na fala da depoente a relação direta da Dança do Coco em Camocim com os trabalhadores, guardiães da tradição oral dessa dança, procurando na sua execução se utilizar de elementos muito próximos a sua realidade, desde aos instrumentos à vestimenta tingida com tintas de árvores da flora local. Contudo, a grande maioria deste grupo já faleceu, não passando para as gerações atuais o folguedo, além de não existir atualmente uma política pública de incentivo de práticas culturais deste tipo. Em fase de agonia estão o Reisado e o Bumba-meu-boi, assim como as cantorias de viola. Mestres e grupos relacionados com estas manifestações mendigam apoio oficial ou privado sem sucesso. Os brincantes do reisado e do boi resistem com muita dificuldade e se apresentam sem muito fausto, talvez apenas pelo simples desejo demanter a tradição. Os cantadores se tornam visíveis apenas no Festival de Violeiros realizado anualmente no Primeiro de Maio, institucionalizado há pouco mais de uma década, porém, funcionando mais como um evento, sem maiores preocupações com a revitalização da cantoria.

Apesar disso, os trabalhadores continuam produzindo seu cotidiano. Suas referências culturais são outras, talvez um pouco mais prontas pela massificação avassaladora dos modernos meios de comunicação, mas, não deixando de ter sempre um espaço para a inventividade, a criatividade, que os torna ao mesmo tempo globais e únicos. Aos estivadores resta ancorar suas lembranças no porto da memória se refazendo diariamente. Aos ferroviários, esperar um trem que não vêm e nem vem. Aos portuários, buscar outras maneiras de ganhar o pão diário, a cada dia tornando-se mais carreteiros. Aos salineiros, garimpar um serviço nas fazendas de camarão. Aos

²² Entrevista com a Sra. Margarida Vieira, professora, 06 de outubro de 2007. Camocim-CE.

demais trabalhadores urbanos, a eterna luta para se conseguir uma vaga no restrito mercado de trabalho. Aqui e ali, uma festinha, uma sessão no sindicato, um trago de cachaça a mais, pois ninguém é de ferro...

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARAÚJO, Carlos Cardeal de. *O Terra e Mar*. Fortaleza-CE: Fundação Dolores Lustosa, 1988.

BATALHA, Cláudio, SILVA, Fernando Teixeira da, FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de classe*. Identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar & Botequim*. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

DEL ROIO, José Luiz. *Io. de Maio* → Cem anos de luta. 1886-1986. São Paulo: Global Editora, 1986.

FOOT HARDMAN, Francisco. *Nem pátria, nem patrão!:* memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ª ed. ver. e ampl. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeçeram. In: *Revista Brasileira de História* 6, set.1983, p.7 a 46. São Paulo: Editora Marco Zero, 1984.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura*. História, cidade e trabalho. Bauru, SP: Edusc, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTOS, Carlos Augusto P. dos. *Cidade Vermelha*. A militância comunista nos espaços do trabalho. Camocim-CE. 1927-1950. Fortaleza: UFC, 2007.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Trad: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000